

**“PRETA, SAPATÃO, MACUMBEIRA”: ENTREVISTA COM TATIANA CARVALHO COSTA SOBRE
PROCESSOS IDENTITÁRIOS E DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR**

**“BLACK, DYKE, WITCHCRAFT”: ENTREVIEW WITH TATIANA CARVALHO COSTA ABOUT IDENTITY
PROCESSES AND TEACHING IN HIGHER EDUCATION**

Isabella Campos Freitas D’AVILA

<isabellacf.davila@gmail.com>

Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas
Gerais (UFMG), Psicóloga e professora no Centro Universitário UNA
<http://lattes.cnpq.br/1760543668659415>
<https://orcid.org/0000-0002-6794-460X>

Tatiana Alves de Carvalho COSTA

< carvalhocosta.tatiana@gmail.com >

Mestre em em Comunicação Social, doutoranda no
PPGCom/UFMG, professora no Centro Universitário UNA
<http://lattes.cnpq.br/0315408762115724>
<https://orcid.org/0000-0001-8192-0842>

Luiz Paulo RIBEIRO

< luizpr@ufmg.br >

Psicólogo, doutor em Educação, professor da Faculdade de
Educação da Universidade Federal de Minas Gerais
<http://lattes.cnpq.br/4707346826137662>
<https://orcid.org/0000-0002-4278-7871>

RESUMO

Esta entrevista foi realizada com a professora e pesquisadora Tatiana Alves de Carvalho Costa, mulher preta, sapatão e macumbeira (como ela mesma se intitula e se nomeia) que pesquisa cinema e audiovisual negro, integrante do grupo de pesquisa CORAGEM na UFMG e curadora na Mostra de Cinema de Tiradentes. Professora referência e militante em temas raciais, foi criadora do grupo Pretança no Centro Universitário UNA além de ter desenvolvido diversas ações de sensibilização e conscientização sobre a educação em relações étnico-raciais e diversidade. “Tati” é uma referência e traz reflexões importantes sobre o seu percurso formativo, uma trajetória de afirmação e acolhimento e de atuação como professora do ensino superior.

PALAVRAS-CHAVE: Negritude; LGBTI+; Docência; Ensino Superior; Pesquisa

ABSTRACT

This interview was conducted with professor and researcher Tatiana Carvalho Costa, a black woman, and candomblé practitioner who researches black cinema and audiovisual, member of the CORAGEM research group at UFMG and curator at the Tiradentes Film Festival. A reference and militant teacher on racial issues, she was the creator of the Pretança group at Centro Universitário UNA, in addition to having developed several actions to raise awareness about education in ethnic-racial relations and diversity. "Tati" is a



reference and brings important reflections on her formative path, a trajectory of affirmation and acceptance and performance as a teacher of higher education.

KEYWORDS: Blackness; LGBTI+; Teaching; Higher education; Research

Entendendo o valor da narrativa, a apresentação da entrevistada será dada a partir da primeira pergunta, com o objetivo de não direcionar sua fala para uma apresentação que pode ser tendenciosa. Dessa forma, possibilita-se que selecione informações que ela mesma julgue importante apresentar sobre si. Partimos também de que a vida dos sujeitos/sujeitas/sujeitos é mais extensa do que a formação acadêmico-profissional, neste caso, a entrevistada se fala e se representa. Assim, esta entrevista é um convite ao reconhecimento da trajetória de vida de uma mulher, como ela mesmo se nomeia, “preta, sapatão, macumbeira” e, acrescentamos, que se constituiu como professora do Ensino Superior.

Isabella: Tatiana, apresente-se, diga quem é você e como você se tornou quem é hoje.

Tatiana: Bom, como que eu me apresento? Eu vou fazer igual quando eu chego no primeiro dia de aula na atualidade: Eu sou **uma mulher preta, sapatão, macumbeira**. Gosto muito desses marcadores no sentido de eu chegar e me apresentar dessa maneira, (...), porque a sociedade me vê desse jeito e todas essas palavras que eu falei, no léxico comum da sociedade, são negativas. E eu ali naquele lugar, me assumindo como todas essas coisas, imponho um deslocamento do significado (ou não, vai saber...). Mas não foi de uma hora para outra que eu consegui me colocar dessa maneira, propositivamente, impositivamente e positivamente.

Eu me entendo como uma pessoa preta desde que eu me entendo por gente e tem uma lógica, que hoje eu compreendo, que é uma lógica social, em que a gente é nomeado de fora como **o outro**. Na escola eu sempre fui a menina negra. Eu vim de uma família de funcionários públicos que se casaram no interior e se mudaram para Belo Horizonte. O meu pai negro retinto¹, minha mãe branca e isso já gera uma confusão. Uma mulher branca casando com um homem preto na década de 70, começo da década de 70. Mas eles se mudaram para Belo Horizonte, um pouco longe da família branca racista, longe da família negra que não aceitou muito bem o casamento do único filho

¹ A especificação da tonalidade da pele está imbricada em bases discriminatórias que determinam que quanto mais escura ou retinto, maior propensão de sofrer discriminação racial (SILVA E SILVA, 2017).

homem com uma mulher branca. A gente teve uma vida mais ou menos independente e com certo conforto financeiro que possibilitou a mim e a minha irmã estudarmos em escola particular.

E eu, estudando em escola particular na época da ditadura militar, auge da celebração do mito da democracia racial, num Brasil fingindo que não era racista. Mas obviamente, nesses ambientes de escola particular, essas diferenças se impõem muito como, por exemplo, por conflitos entre crianças, que na transição para adolescência é são uma crueldade. Então tem isso, esse nomear a coisa, essas questões de racismo em sala de aula. E eu vivi o estranhamento de não ter muita gente parecida comigo na escola. **Então me entendi preta ali.** Tive questões com isso, obviamente. Comecei a fazer terapia com 13 anos de idade por causa disso. Mas aí então é isso, ser negra nunca foi questionado. Eu sabia que eu era, sempre soube que eu era.

O que mudou ao longo do tempo foi entender que isso não é negativo porque eu aprendi, por força da situação social, que o que eu era e o que eu sou tem uma conotação negativa e aí foi um processo que só ficou bem conciliado com 30 anos. Até lá sofri muito. Mas tem a coisa do cabelo desde sempre. A única vez que a minha mãe tentou alisar meu cabelo eu tinha nove anos, deu bolha na minha cabeça, então nunca mais colocaram produtos químicos no meu cabelo para alisar, mas eu segui fazendo relaxamento, raspando a cabeça, colocando trança. Então essa parte da autoimagem sempre esteve presente, o que foi, em alguns momentos, doloroso, mas entendo que facilitou esse meu reconhecimento como negra.

Mas essa questão de, de fato, me conciliar e ter um jogo de corpo mais confortável enquanto uma mulher negra, foi na transição de 25, porque ainda na faculdade tinha pouquíssima gente preta. Eu estudava na UFMG, fiz jornalismo. Entrei na década de 90, 93 – era a abertura democrática, uma discussão ali do movimento negro, mas eu ainda me sentia uma figura estranha ali dentro, tinha mais uma colega negra que não terminou o curso e um colega negro que terminou o curso que foi para a televisão e eu achei incrível. E tinha um professor negro na comunicação, era ativista do movimento negro, ele já faleceu, o Dalmir Francisco. E tinha uma outra professora que eu fui ver depois, mas era de Ciência da Informação, a Cida Moura. Tinha um técnico de laboratório, o Rogério Fideles. Eu achava ele lindo, ainda acho. Ele disse que era Rei de Congado e foi a primeira vez que eu conheci um Rei de perto. Achava aquilo incrível, mas não entendia direito o que significava. Então é isso, eu sei o nome das pessoas que vi na década de 90, dá pra contar nos dedos de uma mão.



Mas eu não tive com o movimento negro porque também tem isso: cresci na classe média em uma escola católica de elite de Belo Horizonte na época da Ditadura Militar. Então ser preta era um problema, eu achava que eu era uma preta e eu tinha uma arrogância, hoje eu entendo isso, do tipo “não sou suas negas”, entendeu? Tipo “sou outra preta”, o que é uma terrível questão que entra no discurso de classe da democracia racial também, que é escrotíssimo e que eu introjetei e tive de desconstruir. Mas aí depois eu fui entendendo isso, dinheiro não faz ninguém branco; e nem educação, nem escola particular, nada **não embranquece ninguém**.

Nessa época da universidade eu me entendi como lésbica. A primeira pessoa que eu beijei na vida, aos 11 anos de idade, foi uma mulher, uma outra menina. **Lésbica, sapatão, com 11 anos de idade**. Chocada! Eu fiquei chocada com aquilo: o que que está acontecendo? Aí passei a adolescência inteira em crise: “não gosto dos meninos gente!”. Eu paquerava os meninos, dizia que estava apaixonada por causa daquela coisa do grupo, das colegas, mas eu não tinha namorado, nada. Aí ficava aquela confusão: “eu não tenho namorado porque eu sou preta e ninguém gosta de mim porque eu sou preta? Eu não gosto dos meninos porque eles são brancos?”. Eu tentava me aproximar dos meninos pretos, e nada! Aí era uma confusão na minha cabeça. Aí apareceu um *boy* super machista que queria casar comigo (aos 18), eu falei: “Deus me livre de casar com esse cara, eu não quero.” Aí, já fiquei com outra mulher e acabou, aí pronto, sapatão, entendi, mas tinha muita culpa. E aí aquela coisa do reconhecimento de você ter um grupo de pessoas e, foi isso, me aproximei do grupo de pessoas porque eu me apaixonei por uma amiga, depois um amigo gay tentou se matar, por causa da opressão da família tradicional mineira (dele). E aí, eu visitando ele no hospital, ele se recuperando, um monte de gente chegava, umas *bichas* maravilhosas chegavam, umas meninas sapatão chegavam e eu ficava assim: “Quê que é essa confusão neste quarto de hospital, gente?”. Eu ficava nervosa com aquilo, fazia a linha homofóbica, falava: “Eu não quero saber desse povo gay.” Dois meses depois eu estava beijando na boca de outra menina, entendeu? E, nesse sentido, eu tive muito rapidamente o acolhimento de uma turma incrível e aí era esse momento sapatão, década de 90. Sapatão de sítio. E muito constrangida, família católica, colégio católico, amigos brancos de classe média e de família tradicional.

E aí eu comecei a ter uma vida social muito gay. Comecei a trabalhar muito cedo. Eu entrei na faculdade com 17 anos, com 18 eu já trabalhava, já tinha o meu dinheiro e era isso. E aí comecei



a ter uma vida social mais independente da família e ganhava mais do que os meus amigos, eu fui contratada, sabe essas coisas, que também é isso: a preta se não for a melhor do rolê, vai apanhar. Cresci com isso. E aí, muito rapidamente, na faculdade, arrumei um estágio, já fui contratada e já ganhava três vezes mais, quatro vezes mais do que os meus colegas que eram estagiários. Pagava restaurante para todo mundo, não guardei quase dinheiro nenhum porque gastava tudo nessas baladas gays de Belo Horizonte. Assim, **eu tinha uma vida fora de casa** muito gay, dentro de casa no armário, menos para minha irmã. Somos só ela e eu. Minha irmã sempre foi muito muito amiga e tal, mas com a minha mãe e meu pai, aquela coisa. E aí chegava com as bichas lá, eu nem falava que era namorado, mas automaticamente minha mãe falava que era namorado. Enfim, fiquei uns 10 anos no armário para minha família até que a minha mãe perguntou, eu não neguei, aí foi aquilo: "Não, está tudo bem, tudo certo." Tanto que eu estava chorando, meu pai entrou na sala e falou: "Ué, que que vocês estão chorando?" Aí eu falei: "Ah..." Aí ele falou: Ah, a gente já sabia." Óbvio que eles já saibam, aí deu tudo certo, a família acolheu, não foi um mar de rosas, teve conflito e tal, mas o fato de ter o apoio deles, de eu ter um grupo de amigos que me apoiou, minha irmã ser "parceirona". Então tem isso, a família acolheu, os amigos também e aí eu comecei a militar. Militar assim, entrar para algumas ações de instituições e eventos que na época, chamava GLS².

Tatiana: Eu gostava de televisão, trabalhei um pouco com rádio, depois trabalhei com televisão e logo, muito rapidamente, virei diretora de programa, editora executiva "não sei o quê", chefe de equipes majoritariamente brancas e de homens e aí era uma tensão muito grande, **eu era a preta raivosa**. Eu gritava muito, tinha que me impor, eu tinha que aprender tudo, aprender tudo e falar para as pessoas: "Vocês vão fazer tal coisa." Se alguém fizesse corpo mole, eu falava: "Sai daí que eu que vou fazer!" Eu era super arrogante, um horror. Mas aí, por causa disso, eu consegui bancar muita coisa. Trabalhava com cultura, dirigia programa para jovem, com banda. Então circulava essa coisa das bandas, nessa cena das bandas em Belo Horizonte, no Rio de Janeiro... e depois trabalhei também com produção cultural. Então eu tinha uma proximidade com essas áreas, o que também me favoreceu. Eu trabalhei como assistente de produção em show da Zélia Duncan,

² Sigla referente à Gays, Lésbicas e Simpatizantes.



da Cássia Eller, da Adriana Calcanhotto, não sei quem, então era maravilhoso, assim: "Você é sapatão? Demais, amiga." Essas coisas.

Então, na minha profissão, pela área com a qual eu trabalhava não era um problema, mas eu não tinha uma coisa escancarada igual eu tenho hoje. **Hoje eu faço questão de ser escancarada**, mas na época não tinha, até nesse sentido de uma autoproteção, não com medo de perder o emprego. Eu nunca tive medo de perder o emprego por ser sapatão, pelos lugares em que eu trabalhei, mas mais para evitar possíveis agressões. E aí, hoje, eu entendo que é isso, esse sentido de autopreservação para evitar a fadiga e as violências. E trabalhando com uma equipe muito grande de homens, tinha aquela coisa das piadinhas e tal. Mas, enfim, aí a gente acaba desenvolvendo estratégias para se impor, que nem sempre funcionavam. Mas tinha embate sim, mas era o mínimo ali para eu ter um pouquinho de sossego para trabalhar. Eu atacava antes de ser atacada. Era um horror. Mas muito também porque **tem várias camadas: mulher, preta, sapatão, chefe**. Tinha um **problema de credibilidade quase** ontológico do cargo "chefe", desse lugar que deveria ser ocupado pelo sujeito universal – homem, branco, cisgênero, hetero. Então era muito difícil, eu sempre tinha que fazer muito mais do que todo mundo. É esse clássico de que mulher negra tem que fazer muito mais para poder dar conta de se impor. Era um desgaste. Eu fumava loucamente e adoeci algumas vezes.

Luiz: Tatiana, você falou sobre ser preta e ser sapatão, mas como é que você chega então a ser docente?

Tatiana: Ah, então, cansei dessa vida de jornalista em veículo. Na época, eu trabalhava em jornal, no caderno de Cultura do jornal O Tempo e fui fazer uma pós-graduação, eu fui pensando nisso: "Ah, eu quero dar aula, quero mudar de vida. Vou tentar ser professora porque eu sempre gostei de estudar e porque eu conseguia ensinar os estagiários." Aí fui fazer essa especialização e falei para o coordenador, o Fernando Resende, que eu tinha esse desejo e, coincidentemente, ele coordenava um curso de graduação em Jornalismo numa escola católica no interior, no Vale do Aço. Eu fiz uma disciplina com ele, no final da disciplina ele falou: "Você quer dar aula?" Falei: "Quero!". E ele: "Você sabe sobre televisão, a gente está montando um laboratório de TV em Coronel Fabriciano, com os jornalistas que estão no segundo período agora, vamos para lá". Topei, pedi



demissão do jornal. Fiquei lá de 2001 a 2006 e não conseguia ficar no armário direito não, sabe. Eu disfarçava porque era interior, escola católica, eu segurava minha onda mesmo. Mas segurava mais ou menos porque eu usava anel no dedão, eu passava máquina zero no cabelo, fumava um cigarro de palha, era muito “sapatãozinha”, tinha 27 anos. Imagina, você dar aula numa faculdade no interior com 27 anos? Um dia uma aluna falou: “Professora, quem usa anel desse jeito é sapatão”. Eu falei: “Olha para minha cara, é tudo sapatão.” Foi a primeira vez que eu me assumi em sala de aula, foi uma provocação: “Você está vendo problema aí?” Mas aí virou uma coisa que eu achei legal por causa do acolhimento de alunos LGBT. Essa moçada LGBT e a preta declaradamente falava: “Olha, ainda bem que você está aqui.” Então foi isso. Saí do interior em 2006, trabalhei com outras coisas – de novo equipes predominantemente cis, hétero, masculinas, um estresse – e voltei a dar aula em 2007, no Centro Universitário Una, onde estou até hoje. Em Belo Horizonte, desde o primeiro dia como professora, a questão de eu ser preta ficou mais evidente. Por exemplo, **teve um dia que eu cheguei atrasada na aula porque a polícia me parou e duvidou que meu carro era meu. Eu tive que descer do carro, isso acontece, aconteceu várias vezes comigo na vida. E aí cheguei na aula contando isso: “Gente, eu fui parada pela polícia porque preto é isso, a polícia duvidou que meu carro era meu mesmo... Aí mostrei meu crachá de professora, ok”**. A questão de ser negra e dessas questões raciais impuseram-se mais do que a questão de orientação sexual.

Na Una, desde 2011, tem o projeto *Una-se contra LGBTfobia*³, que é um projeto de extensão universitária coordenado pelo professor Roberto Reis – que foi meu colega de Jornalismo na UFMG e dei a sorte de encontrá-lo novamente na Una. O Beto é incrível! O Una-se é um projeto de acolhimento a alunos LGBTQIA+ e desenvolve ações institucionais – como reconhecimento de nome social, envolvimento de laboratório do curso de Direito para processos de alteração de nome civil para pessoas trans e tals – e a gente começou a fazer várias ações. Quando essa onda conservadora que a gente vive hoje começou a se impor, a primeira coisa que fizemos publicamente, que foi “um bafo”, foi uma campanha de beijos. Eu coordenava os laboratórios de audiovisual e fotografia na época, aí mobilizamos o laboratório algumas semanas para fazer fotos das pessoas se beijando,

³ “Criado em 2011 e coordenado pelo professor Roberto Reis, o Una-se contra a LGBTfobia, projeto de extensão do Centro Universitário Una, tem como objetivo promover uma cultura de respeito aos direitos humanos e à diversidade sexual e de gênero no ambiente universitário, com foco em uma formação cidadã.” (UNA, 2021)



qualquer beijo. Uma pessoa beijando a barriga de uma mulher grávida, uma mamãe beijando um filho, um casal gay se beijando na boca, hétero também, amigos se beijando e a gente começou a soltar essas imagens nas redes sociais. A campanha tinha isso – “Toda forma de amor”, com coraçãozinho. Tem essas imagens aí no Facebook até hoje. Isso foi “um bafo” na escola. A gente começou a atuar mais abertamente, não só em sala de aula, eu falava que era sapatão. Eram essas ações, eu fui colaboradora do Una-se contra LGBTfobia até 2015. Ainda sou, mas menos intensamente por causa do Pretança, que é o projeto que eu coordeno hoje. Então, é isso, começa a alterar estruturalmente a escola.

Antes do Una-se, Beto e eu estávamos no NUH, o Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT da UFMG, coordenado pelo professor Marco Aurélio Máximo Prado na época. Eu entrei lá em 2009, por meio de uma demanda para produção de vídeo apresentada pelo pessoal do GUDDS – Grupo Universitário em Defesa da Diversidade Sexual da UFMG. Era uma campanha anti-homofobia com um vídeo com beijo gay para ir pra TV UFMG. Tinha muita disputa pelo “primeiro beijo gay” na tv aberta. Imagina, 2009, e esse trem ainda era um tabu!

A gente – Beto e eu – também participou da organização do 1º encontro da rede Transeduc e do Encontro de Travestis e Transexuais da região Sudeste, 2010 ou 2011, agora não lembro. Era uma turma grande envolvida na organização e ficamos por conta da Comunicação. O encontro foi na Faculdade de Educação – FaE. Um cartaz que a gente pregou apareceu, de um dia para o outro, desenhado com uma suástica porque tinha foto de travestis. Nós colocamos 100 travestis na FaE pelo NUH⁴. E as professoras travestis discutindo o que é ser professora travesti. Pela primeira vez, homens trans de várias partes do país uniram-se e resolveram fazer uma associação, então era uma ebulição. Eu fiz alguns vídeos com os homens trans e a gente começou a discutir essa questão de pessoas trans na época.

Além de me envolver com o NUH, eu estava na coordenação de curso na Una. Então, comecei a olhar mais para a moçada trans, a acolher melhor. Tem essa atuação fora da sala de aula também, de encontrar uma pessoa trans no corredor ou na coordenação de curso e essa pessoa me falar:

⁴ “A partir de 2005, com o envolvimento de vários pesquisadores doutores no campo de estudos da diversidade sexual e estudos quer em várias áreas do conhecimento, foi fundado o Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT (NUH).” (UFMG, 2021)



"Olha, meu nome social agora é..." Teve um caso, por exemplo, de uma pessoa que, no primeiro período, usava o nome de menina; no segundo período já era o menino. Eu na coordenação e a pessoa ali na minha frente meio tímida, eu olhando ele falar, não estava se apresentando como homem ainda, apresentava-se com o nome feminino, mas estava usando *binder*. "Você está de *binder*?" Na hora que eu falei a palavra *binder*, pronto, a pessoa relaxou, chorou, me abraçou e falou: "Estou na transição". No semestre seguinte, entrei com ele – na aula do Beto – falando: "Gente, a partir de hoje ele chama tal". A partir desse lugar da coordenação de curso, sabe. Então tem também essa atuação que não é só eu me apresentar como sapatão, é também bancar as coisas junto com a moçada. Mas entendo que o lugar em que eu trabalho possibilita isso porque teve uma escuta durante esses dez anos de Una-se, teve gente lá em cargos de chefia que entendia essas questões. Então, quando eu estive nesses lugares de poder como na coordenação de curso ou de laboratório, eu era acolhida pela direção da instituição nessa minha postura.

No laboratório de cinema, que também coordenei, quando entrei era uma ilha nórdica, só tinha homem, branco – e uma mulher, a Juliana, tadinha. Eu entrei e na primeira seleção já coloquei um monte de gente preta, um monte de mulheres, gente LGBTQIA+, virou uma confusão. Os meninos ficaram putos: "A Tatiana é ditadura, tem cota hétero e cota branca." Eu debochei: "Tem gente, é isso, entende?" Aí virou o bunker da "diversidade" da escola. Duas pessoas que trabalharam lá passaram por transição de gênero, entenderam-se pessoas trans, enfim já eram pessoas trans obviamente e se sentiram acolhidas ali.

Luiz: Vocês produziram um lugar seguro e acolhedor. Como é para você esse acolhimento, neste lugar?

Tatiana: Então, os meninos me ajudaram. Essa convivência e **essa necessidade de acolher, me acolheu também, me fortaleceu muito**, muitíssimo, muitíssimo. Tanto que comecei a assumir esses lugares de fala pública, com mais coragem e isso foi ótimo para mim. Eu fui estudar, comecei a entender mais essas questões de gênero e a desenvolver até estratégias para atuação política dentro da instituição e fora dela. Então, foi fundamental, imagina, não é uma via de mão única de jeito nenhum. A moçada me ensinou muito e me fortaleceu muito.

Eu saí da coordenação e então uns alunos pretos com trajetória de militância falavam para mim: "Você sabe que você é preta, Tatiana, o que você vai fazer com isso?" Porque eu ficava muito:



LGBT, LGBT, LGBT e a coisa preta ficava de lado. E a moçada, que vinha pra faculdade particular por meio de cotas e de ProUni/Fies precisou se estruturar pra reagir às situações de racismo. Em 2013, criaram um movimento lá dentro do campus Liberdade –no bairro de Lourdes –, o ABUNA – Afro-Brasileiros da Una – e foi lindo. Só que a maioria se formou e a coisa arrefeceu. Em 2016, eu concluí “é isso, sou preta e vou assumir, vou pegar esse B.O. e vamos ver o que que a gente faz”, porque criou esse vácuo de discussão com o fim do ABUNA. Os meninos soltaram isto: “e agora institucionalmente o que que a gente faz?”. Fora da Una, e já estava em contato com outras mulheres negras que me fortaleciam, minhas amigas queridas até hoje, como a Zora Santos. O contato com elas também foi fundamental. Então, propus esse projeto Pretança que é super importante para minha vida como professora. No jornalismo eu tive, nessa época, uma aluna que era rainha do Congado da Irmandade dos Carolinos, a Sarah, o outro era a referência do hip-hop, o Marcão, do Alto Vera Cruz, das antigas de Belo Horizonte, entendeu? Então era uma galera que vinha e o contato com esses meninos que vinham de movimento negro, uma força linda, me fortaleceu porque eu vinha dessa formação de escola particular católica “democracia racial”, da UFMG, não sei o quê, afastada dos movimentos negros, muito perdida estrategicamente em como me impor e muito deprimida também porque eu não fiquei muito tempo nesses lugares de poder, eu não fiquei muito tempo na coordenação porque eu deprimi mesmo. É muito ruim ser a única preta do rolê quando não tem uma discussão fortalecida, muito ruim e eu só entendi que eu estava deprimida depois. Eu comecei a ter crise de ansiedade, pânico, labirintite e tal. Mas os meninos me ajudaram demais nesse sentido de me fortalecer também e eu assumi essa questão institucional. Fiz um projeto de extensão que era para ser uma coisa pequenininha, mas logo na primeira reunião tinha uma “galerona”, eu falei: “Que que eu faço com isso, gente?” E institucionalmente recebi esse apoio. Aí bancaram esse projeto de extensão, ele foi crescendo e virou esse lugar, primeiro era um lugar para botar os meninos do jornalismo para cobrir evento de gente preta. Movimentar, trazer as pessoas pretas dos movimentos lá dentro para discutir e botar os meninos lá fora nos lugares em que as pessoas pretas se reuniam para se afirmar e se empoderar. Porque esses lugares de fora também foram importantes para mim, para o meu fortalecimento. O projeto virou um lugar de acolhimento e de troca muito intensa. E aí, um ano depois, eu conheci a Segunda Preta, não, a Polifônica Negra e a Segunda Preta e fiquei louca. Mudou minha vida total, falei: “É isso mesmo,



pronto e acabou." Aí não parei nunca mais de estudar questões raciais e atuar nesse sentido, **a minha trajetória se dá nesse sentido de afirmação e acolhimento, tanto na questão de orientação sexual e gênero, quanto na questão racial dentro da sala de aula em que eu me coloco, me apresento e tal e trago questões também**, toda disciplina a gente inventa uma desculpa para falar de travesti, para falar de gente preta: "Você dá disciplina de quê? Rádio, está bom. Vai fazer uma reportagem sobre travesti." Entendeu? É isso! A disciplina para movimentar os assuntos também, então tem essa questão que é dentro da sala de aula e também uma atuação em nível institucional para além dos corredores, algum tipo de formalização mesmo, que eu também acho superimportante. E aí estou com esse projeto Pretança até hoje. Eu era a preta raivosa que gritava, punha o dedo na cara do povo, mas eu fui aprendendo que é preciso jogar de outra maneira.

Isabella: O que te mantém neste lugar de professora e de professora militante?

Tatiana: O Brasil gente. Só o Brasil me obriga a beber, o Brasil me obriga a militar. É aquela frase da bell hooks (2019): "A militância é a alternativa à loucura." Não que a loucura seja uma coisa ruim, mas nesse sentido que a hooks coloca e por causa do momento em que a gente está no país, de cinco anos para cá sobretudo, no meu caso, ou eu faço isso, ou eu vou sucumbir, porque não é um ativismo simplesmente, é isso que eu falei: os grupos, os projetos e estudantes que estão engajados juntos nos projetos, isso tudo me fortalece também. É uma troca, eu aprendo muito com essa moçada, é muito incrível. E a gente faz um grupo de estudo juntos, essa coisa do acolhimento mútuo é maravilhoso e óbvio que eu fui expandindo a atuação institucional. A idade também dá isso para gente, essa coisa estratégica. E aí, nesse sentido, se eu puder conscientemente ter um efeito multiplicador desse acolhimento, do combate ao racismo mesmo, a LGBTfobia e outras opressões, eu vou agir. A gente tá vivendo esse momento de recrudescimento, desse racismo e dessa LGBTfobia de reação às poucas conquistas na história recente do país, em que a gente teve uma ascensão de políticas públicas que abriram "um tiquinho". E aí veio essa reação conservadora louca. Então tem essa condição que não é só brasileira, essa ideia da ideologia de gênero escrotíssima que está aí agora. Então é uma canseira porque essas múltiplas avenidas identitárias, como diz a Kimberly Crenshaw (CRENSHAW, 1989, 1991) que eu estou nelas, a própria interseccionalidade, isso cansa né, gente? Porque não é só a questão LGBT, não é só a questão racial, não é só questão de gênero. Às vezes eu fico de saco cheio, e falo: "Meu Deus, de novo eu vou ter



que fazer isso, não é possível, que hora que esse negócio vai acabar?" Mas aí eu entro num programa institucional, o Ânima Plurais, pra desenvolver projetos e estratégias nacionalmente nas escolas do grupo. Um dos projetos, o Cineclube Pretança⁵, está com 240 pessoas, é uma doideira, são três projetos de extensão e um curso de extensão, além das disciplinas que eu já dou.

Tem uma fala tão bonita da Makota Valdina Pinto (2020), educadora, uma liderança religiosa da Bahia que, infelizmente, faleceu em 2019, "que a gente tem que pingar, a gente não é uma grande onda, a gente pinga. Mas todo mundo tem que pingar, se todo mundo pingar junto, quando o povo perceber, está tudo inundado." E é preciso entender que tem outras pessoas pingando também. Eu comecei a estudar essas questões raciais e fui entender melhor o sentido complexo de aquilombamento, a partir da Segunda Preta. É um sentido muito profundo e tem uma dimensão ideológica e filosófica que a Beatriz Nascimento (1985) trabalha, que é incrível, de uma interconexão. Ela tem uma frase que é linda: "Quilombo é possibilidade nos dias da destruição." E ela fala muito da paz do quilombo, como que a gente não precisa estar o tempo inteiro em luta e que há momentos que não são de luta e que são importantes nessa ~~dessa~~ constituição coletiva. E o quilombo não é necessariamente um espaço físico compartilhado, tem essa dimensão ideológica do quilombo como um lugar de resistência que a gente cria a partir de uma rede de uma conexão ancestral, inconsciente até.

Eu comecei a trabalhar como curadora de mostra de cinema também, trabalho na Mostra de Cinema de Tiradentes desde 2018, não coincidentemente, no primeiro ano em que a Mostra resolve colher autodeclaração de raça e gênero no formulário de inscrição dos filmes. E aí eu me deparei com aquela quantidade de filmes dirigidos por pessoas negras. Quando eu terminei de contabilizar a quantidade de filmes, eu comecei a chorar: "Que coisa linda! Mas o que que eu faço com isso, gente?" Ninguém queria fazer muita coisa além de divulgar os números, eu falei: "Deixa eu pesquisar esse trem." Peguei três anos dessa experiência, com essa quantidade de mais de 600 filmes e estou trabalhando isso no doutorado, que só tive coragem de fazer agora. E aí eu estou falando a coisa do quilombo porque na minha pesquisa eu trago isso, o nome lá que eu estou dando para esse fenômeno atual de um monte de gente preta que vem em função de ação afirmativa para

⁵ Cineclube é uma atividade pertencente ao Pretança, projeto de extensão do Centro Universitário UNA. (UNA, 2021)



as faculdades, para as Universidades e também para área da cultura, no cinema especificamente, estou chamando de QuilomboCinema, então, defendendo uma ideia de aquilombamento no sentido mais amplo que serve para tudo isso que a gente está falando agora. Esse fortalecimento que a moçada estudante me possibilita a maneira como eu me alimento nisso— e que eu entendo ser um tipo de processo pelo qual um monte de gente preta também passa. A gente cria pequenas redes de aquilombamento que significam, entre tantas coisas, redes de fortalecimento.

Luiz: Como é ser professora preta, sapatão, macumbeira hoje, como é que é transformar uma sala de aula num quilombo e num vale?

Tatiana: Então, na sala de aula eu não sei se ela se transforma inteiramente no quilombo e no vale em si. Mas no grupo de pessoas ali, pretas e LGBTQIA+ é possível criar um espaço de vale e um espaço de quilombo dentro da sala de aula. Eu não diferencio nesse sentido, agora pensando em voz alta, que eu também nunca parei para pensar nisso, mas estou imaginando aqui agora. Essa atuação fora de sala de aula na sociedade tem essa dimensão de criar os pinguinhos, as pequenas ilhas, de entender os aquilombamentos, de entender os vales numa sociedade que é absurdamente opressora. **Uma sala de aula é esse microuniverso que reproduz ali o que é a sociedade, o que vem da sociedade.** Mas só que, ao mesmo tempo, tem uma coisa que eu fico pensando: talvez, entender a sala de aula como espaço acolhedor. A Nilma Lino Gomes (2017) que fala isso, do afeto emancipatório que depois que eu entendi, falei: "Gente, é isso que a gente tem que ser." Porque aí se transforma a sala de aula, sem romantização e baixando a bola das tensões que estão no mundo lá fora, em momentos de acolhimento. Pelo menos nas salas de aula em que eu já estive. Porque também tem isso: entender que lugar de professor é lugar de poder. Se eu, nesse lugar de poder, **no primeiro dia de aula já me coloco como mulher preta, sapatão, macumbeira, a sala já entende.** Hoje eu falo isso no primeiro dia de aula sempre, não foi sempre assim, e aí eu entendi que falar facilita a minha vida porque já quebra um tanto de... E aí os alunos se abrem. Eu dou aula de Cinema, por exemplo, numa delas estava discutindo a questão de gênero, teoria feminista de cinema. As alunas que são sapatão numa tranquilidade, falam: "Professora, e como é que essa teoria enxerga sapatão no cinema?" Não sei se elas teriam coragem de perguntar desse jeito para um professor homem cis hétero com a mesma tranquilidade. Não com homem cis que não tivesse se colocado como alguém aberto para aquilo, porque eu também acho que a identidade não interdita nada. Tem



homem branco cis que dá conta dessas discussões em certa medida. Os que estudam muito entendem-se como uma identidade, como essa ficção do sujeito universal e tentam desconstruí-la. Mas é isso, estou pensando em voz alta, estou elaborando aqui. Acho que tem essa possibilidade, mas eu não acho, mesmo eu me colocando conscientemente a partir desse lugar de poder, não acho que a sala toda vira um vale ou a sala toda vira um quilombo. Eu acho isso muito difícil. É uma utopia, no sentido de que a utopia é um lugar para onde a gente olha enquanto caminha, um lugar para o qual a gente precisa olhar pra seguir caminhando. Então, entender uma sala de aula também como um caminhar conjunto, um processo. Pode-se dizer que, não necessariamente, a sala vai ser o vale ou o quilombo, mas tem esse **devir, devir quilombo, devir vale**.

Isabella e Luiz: Qual é a sua utopia para a educação?

Tatiana: Posso contar um caso para explicar, porque eu não sei explicar isso objetivamente. Eu estive na África em 2019, num festival de cinema⁶ em Ouagadougou, capital de Burkina Faso. Eu tinha passado por outro país, na semana anterior, Uganda, e era minha primeira vez no continente. Ouagadougou estava em estado de sítio por causa de ameaça terrorista. Tinha polícia, exército com arma, fuzil na mão para tudo o que é lado. E eu comecei a sentir um desconforto muito grande, estando num festival de cinema Africano, numa cidade em estado de sítio, com polícia em todos os lugares. Eu não conseguia nomear aquele desconforto, porque não era medo, não era medo da polícia, medo de morrer, nada disso. E eu precisei de lá acionar a minha terapeuta, para poder entender o que estava acontecendo dentro de mim. Eu estava sentindo um desconforto físico estranho que não era ruim, não, era só uma sensação que eu nunca tinha me deparado com ela. A terapeuta, *online* direto do Brasil, foi me ajudando a entender. Pela primeira vez na vida eu não estava com medo da polícia, pela primeira vez na vida não estava num festival majoritariamente branco e eu não tive que me armar fisicamente numa defesa. Lá eu entendi que aprendi a vida inteira a estar fisicamente em alerta por conta dos espaços majoritariamente brancos nos quais estive todo o tempo, e, pela primeira vez na vida, senti, prolongadamente, o conforto de estar no meu próprio corpo sem precisar estar em alerta por eu ser preta. São 40 e... quantos anos eu tinha? 44 anos. Eu acho isso tão doido. Então **o meu mundo ideal é o mundo em que todas as pessoas**

⁶ FESPACO – Festival Panafricano de Cinema de Ouagadougou



consigam estar confortáveis com seu próprio corpo, com sua própria existência sem precisar se armar fisicamente, que é o que adocece a gente. Sem criar essas barreiras de estar permanentemente em alerta porque você pode ser atacado a qualquer momento, é isso!

Luiz: Para quem quer seguir um caminho como o seu, de mulher, preta, lésbica, LGBT, o que que você indica? Indica caminhos e coisas acadêmicas, leituras?

Tatiana: Tem tanta coisa! Eu estou lendo muito Denise Ferreira da Silva; ela apresenta possibilidades para além do que se conhece como racismo estrutural e tem a ver, entre outras coisas, com o modo como o pensamento moderno e a ideia de progresso são intrinsecamente racializadas. Sueli Carneiro e Grada Kilomba ajudam a entender o epistemicídio como uma força estruturante do racismo. A Lélia González, pela questão pioneira da interseccionalidade, para compreender a “neurose coletiva” que é o racismo, a nossa “amefricanidade”... Ela falava pra fazer análise e ir pra macumba. Eu obedeço! bell hooks, Beatriz Nascimento, Ângela Davis, Audre Lorde e Nilma Lino Gomes me ajudam a compreender esse pensamento-ação propositivo de feministas negras. Eu falo do que me lembro agora rapidamente e do que tem me ajudado na vida, não sei se isso ajudaria outras pessoas, mas me ajudou muito a entender que **eu não preciso estar sozinha, que eu posso pedir ajuda e as pessoas ajudam, é incrível.** Eu posso entender que eu não estou só. Entender a não estar sozinha, cutucar e não aceitar o primeiro não. Porque eu sofri muito achando que eu estava sozinha quando eu estava em cargos de direção, por exemplo, cargos de liderança. Que mais? Essa coisa mais propositiva porque é tudo tão doloroso e a gente às vezes fica num gozo, para usar uma expressão da área de vocês aí, do sofrimento e acostuma com ele, acaba achando que o sofrimento é o único lugar possível para a gente. E é muito difícil não ficar nesse lugar porque todo dia tem imagem de uma pessoa preta sendo humilhada e violentada. Todo dia! E é exaustivo viver neste país com isso. As pessoas têm prazer em compartilhar imagem de gente preta apanhando da polícia, por exemplo, de corpo de gente preta dilacerado, toda hora a gente tem acesso a isso. E isso aciona esses traumas, é um trauma coletivo, mas tem traumas individuais também, então é muito difícil lidar com isso, mas eu acho que a gente só muda se a gente é propositiva – e isso a gente só consegue coletivamente, eu acho (porque isso não tem nada a ver com superação ou meritocracia, esse discurso individualista liberal só atrapalha!). Mas isso não é fácil também não, mas acho necessário tentar um pouco negociar nesse lugar das proposições e



sem negar a dor, sem negar o trauma. Temos isso – a dor, o trauma, mas a partir disso e com isso, o que que é possível fazer? Acho que é preciso pensar, entender como contribuir para diminuir essa dor nesse sentido propositivo.

Isabella: E na arte o que que você indica?

Tatiana: Segunda PRETA que agora está *online*, começou essa semana de novo a nona temporada. Quando for presencial, ver aquele tanto de gente preta pensando e fazendo coisas e sendo linda junta, é bom demais. Mas sugiro qualquer outro aquilombamento artístico em qualquer cidade que você for. Em São Paulo tem o Aparelha Luzia, por exemplo, no Rio de Janeiro tem a Segunda Black e outras coisas. Tem as rodas de samba, né, que vieram bem antes. O hip hop... É isso, esses lugares artísticos de aquilombamento porque aí não é só, tem uma coisa muito legal. E cinemas negros também. É o que você vê no palco, na tela, mas o que você vê do seu lado também na plateia, isso é bom demais. E LGBTQIA+ também, aquela Quarta Queer era maravilhosa lá no teatro Francisco Nunes em Belo Horizonte. Resumindo, eu recomendo eventos que tenham uma plateia majoritariamente igual à gente. E, bom, agora, no momento da pandemia, não é possível isso, então eu sugiro filmes de pessoas negras porque também nosso imaginário é muito colonizado, então a gente tem que trabalhar o tempo inteiro para descolonizar o imaginário. Filmes de pessoas negras, filmes de pessoas LGBTQIA+ no geral – e não só filmes com protagonistas, não é só uma questão de representação. Eu recomendo filmes concebidos, dirigidos por pessoas negras brasileiras e de outros países da diáspora, filmes africanos. Isso faz diferença demais. E tem também algumas artistas que eu gosto demais e que são intelectuais incríveis, a Jota Mombaça, Michelle Mattiuzzi, Rosana Paulino, tem mais, mas vou ficar só nessas três e Grace Passô, qualquer coisa que essa mulher fizer, cola nela, a Grace Passô.

REFERÊNCIAS

CRENSHAW, K. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. *University of Chicago Legal Forum*, v. 8, n. 1, p. 139–167, 1989. Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=uclf> Acesso 01 jul. 2021



CRENSHAW, K. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. *Stanford Law Review*, v. 43, n. 6, p. 1241, jul. 1991. Disponível em: <http://blogs.law.columbia.edu/critique1313/files/2020/02/1229039.pdf> Acesso 01 jul. 2021

hooks, bell. *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Tradução Stephanie Borges, 2019.

SILVA E SILVA, T. O Colorismo E Suas Bases Históricas Discriminatórias. *Direito UNIFACS – Debate Virtual*, v. 0, n. 201, p. 1–19, 2017. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/redu/article/view/4760> Acesso 01 jul. 2021

NASCIMENTO, Maria Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: *Afrodiáspora: Revista do mundo negro*. Nº 6-7. Ipeafro, 1985. pp.41-29. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4408010/mod_resource/content/2/NASCIMENTO-Beatriz_O%20conceito%20de%20Quilombo%20e%20a%20resist%C3%Aancia%20cultur%20negra.pdf Acesso 01 jul. 2021

PINTO, Valdina. “O terreiro e as imagens”. in. CESAR, Amaranta, MARQUES, Ana Rosa, PIMENTA, Fernanda, e COSTA, Leonardo (org.). *Desaguar em cinema: documentário, memória e ação com o CachoeiraDoc*. Edufba: Salvador, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/32955>. Acesso 01 jul. 2021

UFMG, Fafich (org.). *Apresentação*. Disponível em: <https://www.fafich.ufmg.br/nuh/apresentacao> Acesso em: 01 jul. 2021.

UNA, Centro Universitário. *Una-se contra LGBTfobia*. 2021. Disponível em: <https://souluno.una.br/extensao/una-se-contra-a-lgbtfobia/>. Acesso em: 01 jul. 2021.

UNA, Centro Universitário (org.). *Pretança: afrobrasilidade e direitos humanos na una*. Afrobrasilidade e Direitos Humanos na Una. 2021. Disponível em: <https://souluno.una.br/extensao/pretanca/>. Acesso em: 01 jul. 2021.



SOBRE A AUTORIA

Isabella Campos Freitas D'Ávila

Psicóloga (CRP-04/60985), Mestre em Educação pela UFMG, pós-graduada em Intervenção Psicossocial no Contexto de Políticas Públicas no Centro Universitário Una. Líder regional MG-GO-RJ do Núcleo de Apoio



D'AVILA, I. C.F.: COSTA, T. C.: RIBEIRO, L.P.

Tatiana Carvalho Costa fala sobre processos identitários e docência no Ensino Superior
| Entrevista

Psicopedagógico e Inclusão (NAPI). Atualmente é docente no curso de Psicologia do Centro Universitário UNA. Atua no Ambulatório de Diversidade do Centro Universitário UniBH. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase na área de inclusão, diversidade e psicopedagogia institucional.

Luiz Paulo Ribeiro

Professor Adjunto C-02 no Departamento de Ciências Aplicadas à Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (DECAE - FaE - UFMG). Fez sua residência pós doutoral estudando as correlações entre identidade e representações sociais. Possui doutorado em Educação: Conhecimento e Inclusão Social (FaE-UFMG), mestrado em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (FM-UFMG) e é graduado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Atualmente é docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social (Faculdade de Educação - UFMG) e do Programa de Pós-Graduação em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência (Faculdade de Medicina - UFMG). Coordenador do Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social (gestão 2023-2025).

Tatiana Carvalho Costa

Professora e pesquisadora em Cinema e Audiovisual. Doutoranda no PPGCom/UFMG. Presidenta da APAN – Associação de Profissionais do Audiovisual Negro – e integrante do FICINE – Fórum Itinerante de Cinema Negro. Na UFMG, integra o grupo de pesquisa CORAGEM – Comunicação, Raça e Gênero. Colabora em eventos de cinema em curadoria e júri. Desde 2018, integra a equipe de curadoria da Mostra de Cinema de Tiradentes. É co-autora dos livros Olhares Contemporâneos (2011), Mulheres Comunicam: Mediações, Sociedade e Feminismos (Ed. Letramento, 2016), Cinema Brasileiro em resposta ao país (ed. Universo Produção, 2022), Un-Mapping the Global South (E. Routledge – no prelo), entre outros.

Submissão: 22 de agosto de 2022

Avaliações concluídas: 11 de outubro de 2022

Aprovação: 10 de outubro de 2024

COMO CITAR ESTE ARTIGO?

D'AVILA, Isabella; COSTA, Tatiana; RIBEIRO, Luiz. "PRETA, SAPATÃO, MACUMBEIRA": entrevista com Tatiana Carvalho Costa sobre processos identitários e docência no Ensino Superior. Revista Temporis(ação): periódico acadêmico de conexões multidisciplinares em Educação e Ensino da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Cidade de Goiás; Anápolis. V. 24, N. 01, p. 01-18, jan./jul., 2024. Disponível em:
<<http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>>
Acesso em: < inserir aqui a data em que você acessou o artigo >